

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

LUANA PIRES DA SILVA

CRÍTICA DO PENSAMENTO - O QUE INTEGRA O MÉTODO PAULO FREIRE

ANÁPOLIS-GO

2017

LUANA PIRES DA SILVA

CRÍTICA DO PENSAMENTO - O QUE INTEGRA O MÉTODO PAULO FREIRE

Monografia apresentada à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para conclusão do Curso de Filosofia, sob a orientação do Prof. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa.

ANÁPOLIS-GO

2017

LUANA PIRES DA SILVA

CRÍTICA DO PENSAMENTO - O QUE INTEGRA O MÉTODO PAULO FREIRE

Monografia apresentada à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para conclusão do Curso de Filosofia, sob a orientação do Prof. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa.

Anápolis, \_\_\_\_ de agosto de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

PROF. JOÃO BATISTA DE ALMEIDA PRADO FERRAZ COSTA  
ORIENTADOR

---

CONVIDADO

---

CONVIDADO

## **DEDICATÓRIA**

A minha mãe, por entender a importância da educação e incentivar-me sempre aos estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe, por todo o incentivo.

Aos professores e colegas de curso.

“A educação que se dá vulgarmente aos jovens é um segundo amor próprio que se lhe inculca[...].”

François Duque de La Rochefoucauld

## RESUMO

De infância humilde e sofrida o educador Paulo Freire vê na educação uma luz para diminuir a opressão do empresário sobre o oprimido trabalhador. Seu pensamento cunhado na luta de classes cria uma pedagogia da *práxis* que tem na conscientização e nas palavras geradoras o método que levaria ao rompimento dessa cadeia instalada pelos mandatários. De pensamento e pedagogia voltada para uma (liberta + ação) que levaria o aluno a um pensamento ativo de revolução de si e do meio em que vive. Diverge da verdadeira educação onde o professor auxilia o estudante para a autonomia, um ensino visando o amadurecimento crítico do pensar deste. Conclui-se que o conteúdo do pensamento de Freire é político ideológico onde a conscientização, que toma ares de profunda reflexão, na verdade não é um pensar que valora profundamente, com juízos e um raciocínio lógico, é indução.

**Palavras-chave:** Educação. Conscientização. Alfabetizando. *Práxis*. Pedagogia. Intenção. Libertação. Liberdade. Autonomia.

## **ABSTRACT**

From childhood, humble and suffered, the educator Paulo Freire sees in education a light to reduce the oppression of the entrepreneur to the oppressed worker. His thinking coined in the class struggle creates a pedagogy of praxis that has in the awareness and in the generative words the method that would lead to the rupture of this chain installed by the agents. From thought and pedagogy directed towards a (free + action) that would lead the student to an active thought of revolution of himself and the environment in which he lives, diverges from the true education made for the student's autonomy that is from the inside out, aiming at the Critical maturation of the latter's thinking. It is concluded that the integrality of Freire's thought is an ideological political where awareness, which takes an air of deep reflection, is not really a thought that values deeply, with judgments and a logical reasoning, is induction.

**Keywords:** Education. Awareness. Alphabetizing. Praxis. Pedagogy. Intention. Release. Freedom. Autonomy.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>BREVE BIBLIOGRAFIA DE PAULO FREIRE</b> .....	11
2.1	INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E MATURIDADE DE PAULO FREIRE .....	11
2.2	PERÍODO DE TRANSFORMAÇÕES NO BRASIL: INFLUÊNCIAS NO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE .....	14
<b>3</b>	<b>PENSAMENTO E MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE</b> .....	17
3.1	O MÉTODO PAULO FREIRE DE ALFABETIZAÇÃO .....	17
3.2	A CONSCIENTIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO.....	21
<b>4</b>	<b>OBJEÇÕES AO PENSAR A EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE</b> .....	24
4.1	MÉTODO PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE NÃO ENSINA A PENSAR.....	25
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	30
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

Não nos move definir a educação brasileira, que sabemos ser algo de imensa mobilidade sociocultural e há diversos pontos a serem analisados, contextos singulares que o presente Trabalho de Conclusão de Curso não adentrará. Elegemos, portanto, um aspecto dentre a gama variada referente ao assunto educação no Brasil.

Por percebermos que o momento social que passamos abre-se às dúvidas acerca de que rumos tomar a respeito do ensino e novos planos educacionais às portas de efetiva vigência, faz-se necessário o diálogo sobre o assunto. Demos assim, atenção ao pensamento e método de Paulo Freire que encontra certa recorrência em modelos educacionais adotados nas instituições de ensino brasileiras.

De início, coube, como relevante, fazermos uma breve passagem pela caminhada de Freire, de sua infância à maturidade para entendermos seu pensamento e a sua compreensão da educação do país.

A criação do método, envolto a uma pedagogia da *práxis*, sua adesão por um pensamento radical que encontra na opressão do trabalhador, caminho de conscientização para uma revolução cultural, está feita nos modelos socialistas bem especificados em duas de suas obras que contém toda essência, por assim dizer, de seu pensamento: “A Educação Como Prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”, escritos quando estava exilado.

Adepto à crítica do excesso de conteúdo discrepante da realidade do alfabetizando e de uma educação bancária, seu método pedagógico da *práxis* trabalha com o contexto social do operário iletrado, conscientizando-o social e politicamente, lançando - o à ação no mundo e para o mundo.

A conscientização do educando é fundamental em sua prática pedagógica, em um processo de fora para dentro. Seguindo educadores e pensadores como Dom Lourenço de Almeida Prado, Jacques Maritan, St. Tomás de Aquino, que, de modo diferente de Freire, pensam a educação para autonomia do estudante, uma educação advinda do interior do discente e não uma inculcação politizada. A educação para a liberdade se faz com o intuito de guiar para fora, sendo o professor auxiliar desse processo. Ele é aquele que desperta seu aluno para o pensar crítico, sendo este, autor próprio das suas escolhas.

Desse modo, conscientizar não é fazer o aluno pensar por ele mesmo, sendo o método de Paulo Freire constituído para uma inculcação direcionada para a

*práxis* revolucionária, não contribuindo para uma verdadeira liberdade, fim último de uma educação para autonomia do alfabetizando.

## 2 BREVE BIBLIOGRAFIA DE PAULO FREIRE

Falar de Paulo Freire é reconhecer, sendo afeito ao seu pensamento ou não, um homem que se dedicou a educação e se tornou expoente sobre o assunto no país, Brasil, e fora dele.

Este autor buscou, em seu caminhar, um foco diferente na questão da alfabetização no Brasil, com exageros por parte de alguns adeptos do seu pensamento, que alegam a sua inovação através do seu método; sem paixões e arroubos aderimos a outros estudiosos sobre o autor que concluem, sobre seu método, a existência de algumas nuances, mas o que acaba sendo “mais do mesmo”, do já existente acerca da alfabetização já criado na educação brasileira, com uma ameaça a mais escondida na palavra conscientização que, manipulada por alguns, veem na educação a porta de entrada para usufruto das cabeças em formação, fazendo de forma e ação ao seu bem entender.

De origem pobre, Freire fez do estudo e da profissão de educador seu meio de subsistência e a força motriz de sua vida.

### 2.1 INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E MATURIDADE DE PAULO FREIRE

Nascido em Recife-PE, a dezenove de setembro de 1921, Paulo Freire, caçula de três irmãos, perdeu seu pai ainda cedo quando tinha 13 anos de idade em Jaboatão, onde viveu alegrias e desventuras de uma criança pobre e adolescência privativa, que viu de perto os escassos recursos econômicos de sua família.

Em sua biografia autorizada, organizada por Moacir Gadotti, retrata-se a luta da mãe de Paulo Freire para que este estudasse, já que entre os filhos era o mais envolto aos livros e tinha gosto por estudar. Na sua infância, colégios públicos eram escassos, fez o primário em escola privada em Jaboatão e aos 16 anos ingressava no ginásio, onde a mãe, com grande luta, conseguira uma bolsa de estudos junto a Aluizio Araújo, dono do colégio Oswaldo Cruz, ex-seminarista, que, compadecido e com valores cristãos íntegros, concedera, com uma única exigência: que o menino Paulo Freire empenhasse nos estudos. Nesse mesmo colégio se tornou mais tarde professor e antes de concluir seus estudos universitários casou-se, em 1944, aos 23 anos, com uma também professora Elza Maria Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos.

Paulo Freire formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, único curso que a faculdade, na época, oferecia dentro da área de humanas. Já lecionava para custear os estudos e continuou a ser professor de Língua Portuguesa.

No final do ano de 1959, prestou concurso e recebeu a titulação de Doutor em Filosofia e História da Educação, pela Universidade de Recife, tornando-se, após nomeação em 1961, professor efetivo da instituição. Sua tese foi sobre a “Educação e atualidade brasileira”.

Paulo Freire participou de vários movimentos e exerceu cargo de conselheiro no Conselho Estadual de Educação de Pernambuco, em que ele e seus colegas, no total de 15, denominavam-se “Conselheiros Pioneiros”. Tomaram posse em 1963 e foram os que elaboraram o Primeiro Regimento do Conselho, sob a supervisão do então governador na época Miguel Arraes e a convite feito pelo governo do então presidente João Goulart, deu início ao Programa Nacional de Alfabetização, que, segundo dados de sua biografia, teve grande sucesso:

[...] Ao organizar e dirigir a Campanha de Alfabetização de Angicos, também no Rio Grande do Norte, Freire ficou mais conhecido nacionalmente como Educador voltado para as questões do povo. Logo depois, foi para Brasília, a convite do recém-empossado Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos, do governo Goulart para realizar uma Campanha Nacional de Alfabetização [...] (GADOTTI et al., 1996, p.40-41).

Através de seus Círculos de cultura chegou a alfabetizar vários adultos e em 1964, pelo Golpe Militar, foi destituído dos “Conselheiros Pioneiros”, passou 75 dias na prisão, sendo tratado como “subversivo e perigoso”. Foi exilado para Bolívia, onde passou poucos dias e logo se estabeleceu no Chile.

No Chile viveu de 1964 a 1969 e foi neste país que sua obra sobre educação de maior relevância foi escrita “Pedagogia do Oprimido”. Paulo Freire participou no país de grandes acontecimentos, sendo um deles a Reforma Agrária, conduzida pelo então presidente do período Eduardo Frei, da Frente de Ação Popular do Partido Democrata-Cristão (PDC). Após a publicação do livro, obteve amplo apoio dos educadores de esquerda deste país por conta da sua filosofia educacional, mas teve a oposição do PDC, que alegou que Freire feriu violentamente a democracia cristã com seus escritos.

Segundo sua biografia, seu livro e as divergências instaladas por causa dele fizeram com que Freire deixasse o Chile em 1969. Por causa de sua retirada, esteve nos Estados Unidos ministrando aulas em Harvard a convite, durante um ano.

Depois desta breve estadia na América do Norte foi para Genebra - Suíça, sempre com a ajuda do Conselho Mundial das Igrejas, que o convidava a trabalhar nestes referidos países, estabelecendo moradia, e também na África.

[...] A serviço do Conselho, 'andarilhou', como gosta de dizer, pela África, pela Ásia, pela Oceania e pela América, com exceção do Brasil – para sua tristeza e ajudava, principalmente, os países que tinham conquistado sua independência política a sistematizarem seus planos de Educação. Cabo Verde, Angola e sobre tudo Guiné- Bissau o conheceram por este seu trabalho quando se empenhavam nos anos 60 para livrar-se das garras do colonialismo [...] (GADOTTI et al., 1996, p.42-43).

No ano de 1986, no mês de outubro, perde sua esposa Elza, casando-se novamente em 1988 com Ana Maria Araújo. Em janeiro do ano seguinte, pelo então Partido dos Trabalhadores (PT) – do qual era um dos fundadores – que conseguira neste ano eleger pela cidade de São Paulo uma prefeita, Luiza Erundina, foi empossado como Secretário da Educação do Município, fazendo uma gestão altamente democrática, com imperioso diálogo, em amplo sentido, com os educadores até o final de seu mandato. Assim, mencionado por sua esposa Ana Maria Araújo Freire, em sua biografia:

[...] Seu trabalho foi profícuo 'mudando a cara da escola' [...] reformou as escolas, entregando-as às comunidades locais dotadas de todas as condições para o pleno exercício das atividades pedagógicas; reformulou o currículo escolar para adequá-los também às crianças das classes populares e procurou capacitar melhor o professorado em regime de formação permanente [...] (GADOTTI et al., 1996, p.47).

À frente da Secretaria da Educação, Paulo Freire, fundou o Movimento de Alfabetização da Cidade de São Paulo (MOVA- SP) e fez algumas mudanças estruturais que melhor facilitassem a aprendizagem dos estudantes. Sua concepção de Educação Libertadora foi evidente e por mais com que não impusesse sua metodologia, seu mandato à frente da secretaria foi marcado pela sua concepção e entendimento do que era ensinar. Segundo seu amigo e organizador de sua biografia Moacir Gadotti:

[...] Mesmo sem impor nenhuma metodologia, foram sustentados os princípios político-pedagógicos da teoria educacional de Paulo Freire, sintetizados numa concepção libertadora de educação, evidenciando o papel da educação... a Teoria do Conhecimento que parte da prática concreta na construção do saber... e a compreensão da alfabetização não apenas como

um processo lógico, intelectual, mas também profundamente afetivo e social [...] (GADOTTI et al., 1996, p.100).

Ficou na Secretaria da Educação da Cidade de São Paulo por quase dois anos e meio, de 1989 a 27 de maio de 1991. Saiu para dedicar-se aos estudos e escritos, retirando-se antes do término do mandato de Erundina do PT, deixando a cargo de outro colaborador partidário a secretaria.

Meses antes, em julho de 1990, escreveu uma carta à então prefeita, relatando e defendendo a necessidade do aumento de salário dos professores. Em um tom cordial, de certa maneira, cobra, ao lembrar também do “sonho” conjunto de uma educação justa e idealizada nos projetos.

[...] Se há muito certo e absolutamente convencido hoje de que, só na medida em que experimentarmos profundamente a tensão entre a “insanidade” e a sanidade, em nossa prática política, de que resulta nos tornarmos autenticamente sãos, é que nos faremos capazes de separar dificuldades só aparentemente intensas possíveis que nos apresentam na busca da concretização de nossos sonhos [...] (GADOTTI et al., 1996, p.98).

Em 20 de maio de 1993, a Secretaria da Educação, em novas mãos, encerrava o programa MOVA –SP, com um parecer nas redes de comunicação manifestando oposição, o não comprometimento com os valores e o pensamento envolto na educação idealizada pela administração do PT, na pessoa do educador Paulo Freire e na promessa de implementar outro modelo a contento.

Freire se volta intensamente aos estudos, palestras dentro e fora do país e aos seus escritos, pregando um pensamento educacional em que o método se instala em uma pedagogia da *práxis*. Acometido por um ataque cardíaco a dois de maio de 1997, morre devido a complicações da cirurgia que foi submetido de desobstrução de artérias, aos 75 anos encerrava a vida desse educador que fez da sua existência toda voltada para a educação.

## 2.2 PERÍODO DE TRANSFORMAÇÕES NO BRASIL: INFLUÊNCIAS NO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Tendo nascido logo após o término da Primeira Guerra Mundial ( 1914 – 1918) que deixou marcas profundas no comportamento e no pensamento do homem, Paulo Freire vivenciou as transformações socioculturais decorrente de grandes conflagrações que teriam reflexos na décadas seguintes.

No campo cultural, marco de irreverências e obstinação, sinalizando que mudanças estruturais, políticas e sociais seriam a ordem da vez, a Semana da Arte Moderna de 1922 critica a velha ordem, procura uma ruptura com o velho pensamento tacanho da Oligarquia Rural e que não cabia às novas exigências e anseios da sociedade moderna.

Começa aqui no Brasil um período de crises e contestações. A Crise de 1929, que deflagra a queda da Bolsa de Valores em Nova York, cria uma onda de pessimismo e recessão que assola o mundo e afeta o país Tupiniquim. As revoltas e greves começam, operários insatisfeitos reivindicam leis melhores e condições de trabalho mais justas. Muitos com novas ideias, principalmente conceitos advindos do anarquismo, trazidos por imigrantes italianos e espanhóis que vieram fugidos da Guerra para construir uma nova vida no Brasil, protestavam por melhores salários e tratamento.

Nesse turbilhão de acontecimentos e sentimentos reivindicatórios, explode a Revolução de 30 que reúne várias pessoas de seguimentos sociais diferentes como: operários, militares, comerciantes e industriários e desta situação Getúlio Vargas se torna chefe do Governo Provisório.

[...] O Golpe de Estado Novo dura de 1931 a 1945. Este governo, centralizado e ditatorial, sofre influências das doutrinas totalitárias vigentes na Europa (Nazismo e Fascismo). O forte controle estatal imprime o crescimento à indústria nacional [...] (ARANHA, 1996, p. 195).

Paulo Freire cresce em meio a esses acontecimentos e se torna partícipe ao entrar em movimentos de sindicatos por trabalho e uma educação mais justa e igualitária. Na sua adolescência começa a entender seu tempo procurando as leituras dos pensadores em voga. Sempre eclético, no trato das suas leituras, buscou autores desde o sociólogo Hebert José de Souza (Betinho), como autores da esquerda católica como: Jacques Maritan, Thomas Cardonnel, Emmanuel Mounier e seus intérpretes aqui no Brasil, Alceu Amoroso Lima e Henrique Lima Vaz.

[...] A Juventude Universitária Católica (JUC) era uma das organizações mais radicais naquele período de comoção política e social. Os estudantes cobravam reformas fundamentais na universidade; na saúde; nos serviços públicos e na moradia [...] (CISESK et al., 1996, p.153).

É na faculdade que Freire adere às ideias e ao Movimento Católico Radical, assim amplia seus horizontes de exames de obras, tanto escritores nacionais como



internacionais, como leituras profundas de Karl Jaspers, Karl Marx, Hegel. Dessa maneira, ao fazer observações ao que lia e participar de grupos de sindicatos e movimentos estudantis, formava seu pensamento.

Sempre exposta à veia do educador, Paulo Freire via nessas conversas a possibilidade de mudança pela Educação. Ele considerava de grande valia discutir sobre os problemas nacionais, mas não na ordem imediatista de restaurações da lei e medidas cautelares, via na busca de uma educação para todos, de igual envergadura entre as pessoas sendo operários ou empresários, a porta de entrada para mudanças mais profundas, acreditando que por meio deste caminho haveria a transformação da sociedade.

Com o advento do Golpe Militar, sendo levado a exilar-se, teve contato com outras realidades e pensamentos. Enxergava agora seu país com olhos de expectador, não mais envolto, no meio do turbilhão. Seu pensar modificou-se e escreveu dois dos seus livros mais famosos e que mostra a linha de pensamento revolucionário que adere: “Educação como prática da liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”, pois o autor via na educação, como prática e conscientizada, a porta para uma liberdade criativa.

[...] Com a adoção explícita de uma perspectiva política nova, seus postulados teóricos relativos à ideologia e ao conhecimento mudaram. Do “tático”, Freire deslocou-se para o “estratégico”. O processo de conscientização tornou-se sinônimo de luta de classes. Integração cultural mudou para Revolução política [...] (CISESK et al., 1996, p.161).

Para fonte de inspiração desses livros escritos, Paulo Freire recorre a Hegel, Marx, Marcuse, Scheler, Ortega y Gasset segundo relatos biográficos. A *práxis* é a saída para uma mudança idealizada por Freire na educação como na política e são os pensamentos de Antonio Gramsci que o estimulam a fundamentar e estruturar melhor o seu método de alfabetização.

### 3 PENSAMENTO E MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE

Neste primeiro instante tem-se a necessidade, para mostrar o que integra o método de Freire, de como é o processo do método que não desvincularemos do seu pensamento, pois toda criação e falar do processo é pensar e refletir acerca das ideias envoltas do mesmo.

Pensamento e seu método se misturam, como Paulo Freire mesmo mostra em sua prática pedagógica, ou melhor na sua *práxis* pedagógica, em que para agir é preciso conscientizar em uma ação e reflexão. Para conter ou obter o conteúdo deste capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso coube a apreciação de dois dos seus principais livros da extensão e gama de sua escrita por entender que essas duas obras “Educação como prática da liberdade” e “Pedagogia do oprimido” contêm o seu pensamento sobre o método e a sua *práxis* pedagógica e os seus outros registros são a extensão ou a confirmação do conteúdo destes mencionados.

O primeiro livro mencionado, foi a sua explanação sobre seu pensamento pedagógico para a conscientização e libertação para a obtenção de uma revolução cultural, em que o método esboçado é o caminho para obtê-la. O segundo, “Pedagogia do oprimido” foi a confirmação e a defesa do seu pensamento e de seu método para aquelas críticas que obtivera no seu escrito anterior: “Educação como prática da liberdade”.

#### 3.1 O MÉTODO PAULO FREIRE DE ALFABETIZAÇÃO

A criação de uma pedagogia da *práxis* por Paulo Freire é justificada por este, feita para a liberdade, para a emancipação do oprimido das garras dos detentores do poder que usam a educação (pedagogia do opressor), que ele próprio denomina bancária, para inculcar e sacramentar esse espírito de dominado aos carentes, aos desprovidos, tornando-os uma massa apática de pessoas que vivem em um falso “ser para si” não sendo sujeitos do mundo, mas objetos. Em uma dialética opressor-oprimido que aproxima do pensamento hegeliano<sup>1</sup>, Paulo Freire faz uma síntese na ação cultural<sup>2</sup>, onde esta, revolucionária seria atingida pelo método educativo que

---

<sup>1</sup> Hegel – Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831), foi filósofo alemão o último a criar um sistema filosófico e um dos itens do seu pensamento é a interpretação da necessidade racional em termos de processo dialético, onde em sua teoria entende-se por dialética a síntese dos opostos.

<sup>2</sup> Ação cultural – aqui idealizada por Paulo Freire seria uma ação dialógica, em que o testemunho das pessoas do grupo ou comunidade seria o principal, onde favoreceria a ousadia do testemunhar,

traria a libertação da pessoa dominada que traria consigo interiorizado o “opressor-hospedeiro”, como Freire em seu livro “Pedagogia do oprimido”, escreve: “[...] Os oprimidos só começam a desenvolver-se quando, superando a contradição em que se acham se fazem ‘seres para si [...]’ (FREIRE, 1987, p.93) e,

[...] Daí, esta exigência radical, tanto para o opressor que se descobre opressor, quanto para os oprimidos que, reconhecendo-se contradição daquele, desvelam o mundo da opressão e percebem os mitos que os alimentam – a radical exigência da transformação da situação concreta que gera a opressão [...] (FREIRE, 1987, p.20).

Portando uma filosofia da *práxis*, Freire fundamenta seu método para uma educação libertadora no modelo que outro pensador já idealizou, Antonio Gramsci. O método de alfabetização de Freire se estrutura na concepção de líderes/professores propõe uma nova relação pedagógica educador/educando visando à libertação. A Educação de Paulo Freire tem seu fim na liberdade, em tirar os grilhões da realidade opressiva, imposta pelas classes sociais dominantes que impedem o homem oprimido das classes abastadas de enxergar ser também um autor do mundo e não apenas passivo.

[...] Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’; significa também e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’, por assim dizer, transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral [...] (MONASTA, 2010. p.72).

O método Paulo Freire é cunhado<sup>3</sup> pelo pensamento proposto da Revolução Marxista, em que a conscientização é a palavra substantivada que toma ares de ação, levando as pessoas dominadas ao processo da *práxis* (ação e reflexão) de sua vida, do seu estado.

Tecnicamente seu método de alfabetização é imperativamente dialógico, que convida o iletrado a sair do conformismo existencial de cativo do poder para compreender que ele pode fazer cultura. Adentrando aos “círculos de cultura”<sup>4</sup>,

---

Diálogo franco e forte, para com o grupo, havendo trocas. Para Freire só o ato de coragem de testemunhar e trocar experiências no diálogo frutífero, de escuta e fala já se produziria ação cultural. (FREIRE, 1987, p.103).

<sup>3</sup> Cunhado – usado aqui como adjetivo de cunhar. Aquilo que contém cunho, traços, características ou marca. (Dicionário de português *on-line*).

<sup>4</sup> Círculos de Cultura – parte do projeto metodológico de Paulo Freire que consiste em ter nada *a priori*, só a partir de um grupo escolhido dentre aqueles que mais se destacassem na comunidade

essencial ao processo de Freire, em que o líder ou coordenador, no diálogo permanente travado com o alfabetizando, constrói o que Paulo Freire mesmo chama de “palavras geradoras”, com vista de estas saírem palavras derivadas pela problematização social e vivencial do confronto mundo-ideia-diálogo dos oprimidos. O professor ou coordenador seria um “mediador” que juntos, educando-educador, construiria o conteúdo a ser estudado, processo que geraria a conscientização e conseguinte a mudança de atitude que seria de conformados a geradores de ação”.

[...] A eficácia e validade do ‘método’ consistem em partir da realidade do alfabetizado, do que ele já conhece, do valor pragmático das coisas e fatos de sua vida cotidiana, de suas situações existenciais [...] O ‘método’ obedece às normas metodológicas e linguísticas, mas vai além deles, porque desafia o homem e a mulher que se alfabetizam a se politizarem, tendo uma visão de totalidade da linguagem e do mundo [...] (GADOTTI et al., 1996, p.39).

Surge necessária uma atenção ao programa dos conteúdos que longe da imposição e lições sem nexos, que não pertencentes ao mundo dos iletrados corrobora com a visão impositiva do opressor, que distancia da reflexão e entendimento de si, faz-se fundamental organizar um conteúdo com o que os alfabetizados lhes entregou, sendo os professores agentes captadores e sistematizadores. Implicaria, portanto, numa investigação, mas não aquela voltada a sujeito e objeto, em que o oprimido/ educando seria o objeto a ser analisado pelo investigador / educador, o sujeito, caberia à metodologia do diálogo aquela sempre que proporciona a aproximação dos envolvidos na educação, nada sendo de modo autoritário e antidialógico.

Assim, sua pedagogia da *práxis* quebraria o jugo carcerário que a educação bancária inflige aos oprimidos, que imbuídos de repetição imposta, por tal modo de educar, reproduziria somente a mentalidade de dominado, imposta pelos dominantes, partindo de uma pedagogia intencionada em favor do opressor, para uma pedagogia conscientizadora intentada para libertar o oprimido, pois conscientiza, o torna informado, consciente de sua situação, levando-o ao “ser por si”, atuante no mundo, não mais passivo neste.

No primeiro momento, com as palavras geradoras, se confronta as palavras derivativas e percebem-se oprimidos pelo mundo imposto pelo opressor e no segundo

---

(geralmente, recebiam treinamento antes), para que escolhessem os temas e reunissem nesses círculos de cultura (GADOTTI et al., 1996, p.82).

momento se desfazem os mitos e os condicionamentos que são levados a terem, advindos da “normalidade da vida” e através do líder/professor que participe.

Nas escolas, em ensinamentos fundamentais, o professor não é o da concepção bancária, que impõe os seus ditames, mas na pedagogia da *práxis* seria o colaborador e os alfabetizando juntos trabalhariam na aprendizagem que ocorreria a ambos.

[...] Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas [...] (FREIRE, 1987, p.39).

Não cabendo mais uma educação da memorização, abre-se espaço à educação problematizadora, em que o ente cognoscível na incidência da reflexão se conscientiza. A educação como prática da liberdade surge da junção educador-educando na *práxis* cognitiva.

Uma pedagogia voltada para a mudança, uma revolução de atitude frente ao mundo, conscientizadora, primeiro opta por uma alteração no modo cognitivo de ver o mundo e o trato com este, assim, não sendo mais objeto e sim sujeito, dono do seu trabalho, não parte *operandis* deste, para que com a ação cultural, a sociedade mude sua postura individualista conjecturada pelo capitalismo e se torne mais igualitária e comunitária, havendo, entre os agentes da sociedade (o povo), a comunhão.

[...] A revolução pensada por Freire não pressupõe uma inversão nos polos oprimido-opressor, antes, pretende re-inventar, em comunhão, uma sociedade onde não haja a exploração e a verticalidade do mundo, onde não haja a exclusão ou a interdição da leitura do mundo aos segmentos desprivilegiados da sociedade. (GADOTTI et al., 1996, p.40).

A didática nos moldes da *práxis*, visada por Freire na dicotomia opressor-oprimido, leva a conscientização ao estudante, este dialogicamente com os outros ao seu redor, constituídos da ação e reflexão, adentram ao politizar se tornando críticos dos seus contextos sociais, atuam para a mudança destes e do mundo.

Paulo Freire vislumbra seu método na mudança social emanada da Revolução pensada por Marx, todos participantes e equânimes na sociedade, críticos e comungando do mesmo fim a liberdade do homem, este homem, para Freire é agente conscientizador e consciente do seu meio.

### 3.2 A CONSCIENTIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO

A cada período da história, pensamentos marcantes dominam, em variados setores da vida humana, ditando regras, conceitos ou moda a serem seguidos. Com a educação não é diferente. A cada marco histórico do raciocínio humano, está o ensino subjugado ao pensar dos homens. No Brasil, não é diferente. A cada tempo, um método de ensino, uma pedagogia, ou um mesclado das pedagogias dominam o cerne escolar, em que os educadores molduram em suas posturas ou editam em suas cartilhas pensamentos, modelos e até ideologias da melhor maneira de ensinar da qual acreditam.

Pensando a educação, em seu sentido primitivo e etimológico - e que embasaremos toda a nossa reflexão futura – essa deriva do latim, em que: **ex** seria no seu significado singular “exterior”; “fora” e **ducere** que tem por significação “conduzir”; “guiar”, tende por definição de forma clara “guiar para fora” ou “tirar para fora”. Isso nos dá a diretriz que ao se pensar em educação para a formação do homem, tem-se a necessidade de analisar de modo que esta “guie para fora” toda a potencialidade que o ser humano possa possuir.

Não perdendo essa necessidade de levar o homem a ter sua potencialidade desenvolvida em mais alto grau, surge em um novo pensar da educação. Novas pedagogias e metodologias são aludidas com essa finalidade para o trato de levar o conhecimento até o homem. Com o advento do tecnicismo e materialismo, o novo pensar a educação deu mais ênfase ao modelo que levasse o homem a criar, para abranger o seu crescimento produtivo e social, estabelecendo uma educação voluntarista.

Aqui no Brasil, reflexo dessa educação, temos a pedagogia de Paulo Freire, que para muitos seria mais que um método de alfabetização, mas sim uma filosofia da educação voltada para a dignificação e conscientização do homem pelo trabalho e o seu viver em sociedade, com isso, alcançar a finalidade da educação que é a libertação.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Libertação – fazendo jogo de palavras entre (libertar + ação), a palavra libertação foi usada em referência a liberdade, porque para Paulo Freire essa é conquistada através da ação. O homem se liberta quando é educado e se movimenta para a atitude. “[...] a educação visa a libertação, `a transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos [...]” (GADOTTI et al.,1996,p.81)

No método Paulo Freire de alfabetização, a conscientização do educando é mais do que parte de um composto de técnicas na formação de sua metodologia “[...] daí também o imperativo de dever ser conscientizadora a metodologia desta investigação...” (FREIRE, 1987, p. 59), é um conceito, uma mudança de atitude por parte do alfabetizando em relação a sua vida. Para Freire, conscientização de uma pessoa é fazê-la tomar posse da sua realidade circundante tendo um olhar crítico para assim transformá-la.

[...] tomar posse da realidade [...], é o olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘des-vela’ para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante[...] (VIEIRA; XIMENES, 2008, p. 24).

Método pedagógico dependente das palavras geradoras e das interligadas a estas, a educação libertadora de Paulo Freire imprime uma dinâmica de encontros e diálogos entre os agentes da educação – a saber professor e aluno -, não cabendo ao educador mais a postura de detentor único do saber, em que dita o que o aluno vai aprender e este permanece em uma memorização infinda que, segundo Paulo Freire, é característica da educação bancária. O aluno como agente se torna protagonista da sua educação na concepção freiriana, pois, na pedagogia da *práxis*, ele, conscientizado, se torna formador e transformador da comunidade, onde antes não tinha essa concepção porque sua “visão” estava limitada pelo programa educativo que lhe era imposto. O alfabetizando ou estudante na metodologia da *práxis* se faz ativo na revolução cultural.

A conscientização, em Paulo Freire, se torna mais abrangente se analisarmos a palavra no seu significado comum, que é o ato de estar ciente tendo informação ou conhecimento sobre algo. Para ele não é somente conhecer, tomar consciência, é isso também, e além, é poder modificar a realidade. Essa forma de pensar a conscientização do alfabetizando tem por intento uma postura política e ideológica, pois intenciona uma atitude, por parte do educando, de luta contra a classe dominante, uma conduta política de ordem socialista.

A palavra conscientização na pedagogia deste educador tem por sufixo a palavra ação, sendo reveladora de uma metodologia que trabalha para formação (forma + ação) do alfabetizando, pois extrapola o simples ajudar o estudante a ser

ciente por si mesmo, como diz, em um dos seus escritos, Dom Lourenço de Almeida Prado, grande educador:

[...] Educação não é mais ajuda, mas inculcação ou, como dizem, conscientização. Vejam que o uso do verbo conscientizar, como verbo ativo (a forma normal seria reflexiva – conscientizar-se, eu me conscientizo...), trai a intenção do agente, que não é despertar ou ajudar a tomada de consciência, mas impor um pensamento a ser passivamente acolhido [...] (PRADO, 1991, p.30).

A educação progressista, com cunho voluntarista, aqui se volta para o homem social, o homem no trabalho, à conscientização para a transformação do meio comunitário para se chegar à finalidade da educação, que é a libertação, e isso só será possível através de uma ação cultural ou revolução, intentada por uma pedagogia dá e para a *práxis*.



#### 4 OBJEÇÕES AO PENSAR A EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE

Pelo ensejo de esclarecer – antes das objeções que serão feitas – será necessário fazer observações para que fique claro a posição tomada de crítica para com a pedagogia de Paulo Freire.

Partindo do princípio segundo o qual em momento anterior já mencionada, a educação é com base na concepção que é historicamente necessária para o crescimento do homem, pois ela “guia para fora”, portanto, ela auxilia o educando no seu crescimento interior, a cargos de conteúdos e metodologias que o educador o desperta a desenvolver suas potencialidades, assim, atribuindo-lhe de conhecimentos acerca da sua cultura histórica, enriquece o aluno para que este, amadurecido, possa em dignidade e bagagem cultural conviver e desenvolver-se em sociedade.

Atentos à realidade que a educação envolve uma gama de influências socioculturais, mesmo assim não nos deixa escapar alguns indícios que através do modo que a metodologia e/ou conteúdo são aplicados existe uma finalidade de pedagogia intentada para manipular.

Não esquecendo que a educação tem por base a intenção dos agentes em moldes culturais e até ideológicos, refletidos nos conteúdos e métodos variados adotados, acredita-se que a educação mais proveitosa é aquela que intenta pelo desenvolvimento – por ele mesmo – do aluno, se tornando pensador/crítico da sua vida, sendo o professor aquele que simplesmente desperta. E outras “fôrmas” existentes da concepção de educar conscientizando é ideologização.

O educar para uma autonomia do estudante procura o significado real e sem manipulações da educação; se volta ao abrir cognoscível ao alfabetizando para que este possa tomar posse e exercer sua independência, mesmo a cargo de divergências de pensamento do seu orientador. A verdadeira educação que leva a liberdade do homem e o capacita para vencer obstáculos existentes, fazendo-o capaz, por ele próprio, refletir, engrandecendo seu interior. Assim bem fala Dom Lourenço de Almeida Prado: “[...] a educação é um desdobramento de energias interiores, que aprimoram o homem, enquanto homem... a educação é um trabalho seu, com a ajuda dos outros, criando-se a si mesmo. É um processo interior de libertação.” (PRADO, 1997, p. 226).

Há a necessidade também de destacar que estimular o pensar cognitivo do aluno nem de longe adentra na ideia de conscientização freiriana, pois esta não

fomenta a atividade intelectual profunda, fruto do produto mental próprio da pessoa na qual se baseia todo um exercício de resgate, análise, síntese e autonomia de matérias e entendimentos assimilados e apreendidos pelo estudo e conhecimento.

#### 4.1 MÉTODO PEDAGÓGICO DE PAULO FREIRE NÃO ENSINA A PENSAR

A educação ajuda a expandir as potencialidades cognitivas, fazendo que o ser humano torne-se um ser pensante e sempre curioso no seu contexto social, político e cultural, mediante o despertar do professor, para que, sempre atento, analise de forma coerente o seu meio e atinja a finalidade da educação que é levar a liberdade.

Para isso cabe falarmos sobre esta educação que leva à liberdade e outra a educação para libertação que superficial e ensejada para uma ação propõe uma transformação radical da realidade do educando, em moldes, já ditos, superficiais baseados em mudanças mais externas do que a verdadeira educação para a liberdade que é o “guiar para fora”.

A educação que guia de dentro para fora é aquela conquistada pelo aluno devido ao seu esforço com a ajuda do professor, que tendo a intenção ética, nobre e simples de capacitá-lo para uma amadurecimento moral e crítico no seu meio social, trabalha seu método e conteúdo para que o aluno perceba criticamente os fatos e as evidências, podendo, assim, por estas chegar a conclusões, como Prado (1991, p.39). ressalta: “[...] essa retidão de mente ilumina a vontade e o coração e abre a faculdade de escolha [...]”.

Ao contrário disso, o estudante não pode ser reduzido ao simples dialogismo metodológico que ao elencar situações e suscitar discussões o leve a uma aparente liberdade de escolha ou criticidade. Quando o conteúdo vem de palavras geradoras e delas trabalha-se dentro do contexto social do aluno ou alfabetizando, é preciso considerar atentamente duas coisas: sobre o critério intentado na procura dessas palavras e o não excessivo “bater na tecla” do contexto social.

Sobre o tomar a atenção na primeira citada consiste que, na pedagogia da *práxis* ou a educação para a libertação proposta por Freire é nítida a tentativa de intencionar já a princípio um pensar de oprimidos socialmente na busca da sua “liberdade social, econômica e política”; pelo fato que acusa as outras pedagogias intentadas a oprimir, compactuada pelos donos do poder. Mas se melhor usarmos a

acuidade de análise e voltarmos para a verdadeira educação que atente à liberdade interior do homem, para que este seja crítico, não mero manipulado, modifique o seu contexto social, observamos que o método proposto por Paulo Freire pode vir a suscitar disputas e atitudes não reflexivas pelo alfabetizando, mas absolvidas por este através das palavras geradoras que um agente ou grupo de líderes acharam convenientes discutir.

[...] Nesse sentido, toda educação que tenda a reduzir o homem à condição de meio para o bem de outro, ou da sociedade, padece, em certo grau, o vício da educação do escravo. Na verdade, o escravo não era educado; era treinado para o exercício de funções necessárias para os outros ou para a sociedade [...] (PRADO, 1997, p.55).

Vale salientar aqui que não é inexistente essa divisão entre pobres e ricos, autômatos e submissos, mas como bem lembra Dom Lourenço não cabe à educação suscitar desavenças e ódios, cabe a ela, ao contrário, aprimorar o homem para que seja capaz de pensar e preparar uma sociedade justa.

É significativo aqui abordarmos sobre a diferença em fazer pensar e o fazer conscientização. A conscientização, no modelo de Freire, é voltada para ação – como toda a sua pedagogia, como já mencionamos em outro momento, serve para o educador, que, através das palavras geradoras, junto com o contexto social dos alfabetizados, trabalha a superação da opressão, tornando “seres para si” e a modificação com isso da realidade.

Acontece que nenhuma forma de conscientização tem, enquanto natureza em si, de causar transformações àqueles que são assediados por ela, pois não chega a modificar a princípio (*a priori*) o modo de apreensão, além do que, intencionada como a conscientização de Paulo Freire o é, ela não penetra nas coisas como o são de verdade, sendo que a consciência não têm as coisas, mas representações e imagens, concluindo assim, que o conhecimento para a mudança efetiva não é ato somente da consciência, mas do pensar que é algo mais profundo que implica compreender, raciocinar encadeando ideias lógicas. Para Abbagnano:

[...] a consciência é essencialmente clausura e as coisas nunca entram nela, mas permanecem além dela, ainda quando conhecidas. A consciência não tem coisas, mas representações, concepções ...e estas podem coincidir ou não com as coisas, isto é, ser verdadeiras ou não verdadeiras. Daí resulta que o conhecimento não é simples ato da consciência [...] (ABBAGNANO, 2007, p. 193).

É preferível, portanto, uma educação que vise ajudar o homem, a ele mesmo, pensar e buscar o conhecimento, servindo o professor de auxiliador e não condutor de problematizações, para que o alfabetizando consiga realmente conhecer e não simplesmente ser detentor de informações, assim, deixando de ser mero “ser em si”<sup>6</sup> tornando ele mesmo (o eu mesmo).

Atentos também ao que se refere ao uso excessivo do contexto social como modo e matéria de abordagem facilitadora para o entendimento do alfabetizando, tratou-se sobre conteúdo e metodologia, tanto no âmbito da educação que possa levar a autonomia do estudante, que acatamos como adequada, como a educação para libertação que acreditamos carecer de visão abrangente. Não esquecendo, porém, de salientar que sabemos que o educador não fica fixo em uma metodologia, cabendo mesclar as suas formas de ensinar ou adentrarem ao conteúdo. Mas aqui, restritamente, fizeram-se interpelações ao método criado e propagado por Paulo Freire.

Justo, então, falar das observações a respeito de que o educador da pedagogia da *práxis* fez do ensino demasiadamente conteudista, que por ele é denominado de educação bancária, existente há tempos nas escolas e de modo frio e mecânico com que o aluno era tratado, em que este, exercitava a memorização não o entendimento e propõe para o total clareamento e mudança radical desse quadro, uma pedagogia atuante, onde o estudante e o professor possam juntos ensinar e aprender elaborando os conteúdos a serem ministrados, pois, o aluno precisa se sentir participante da sua aprendizagem, de modo que a conscientização aliada com seu método proporcionaria isso.

[...] Ensinar uma pessoa a ler é torna-la diferente e, no concernente a essa diferença, superior ao analfabeto...A participação não é fenômeno mental, uma atividade de inteligência que recebe, julga, elabora e afirma, isto é, um conhecimento e reflexão. Essa participação não é a nobre participação humana. Se levar a muito, ela levará a um manualismo automático, que gera um profissional mais robô que gente [...] (PRADO, 1991, p. 299).

---

<sup>6</sup> Ser em si – ao que se refere à partícula si, na gramática. Cabe lembrar que o (si) tanto pode ser pronome reflexivo referindo a si mesmo, como pronome recíproco relação de duas partes, são representados pelos pronomes pessoais do caso oblíquo, que tem por função de complemento. Sabendo que o intento de Freire ao que refere ‘ser em si’ para sua educação através da conscientização do alfabetizando, se fez o uso da forma reflexiva no sentido de conhecer-se, algo acintoso, porque foge a sua representatividade sendo complementariedade. E complemento é elemento que se integra ao todo, portanto, não sendo o todo ainda.

Sobre a conscientização intrínseca ao conteúdo, já escrevemos sobre, só ressaltando que a conscientização não ensina a pensar e nesse processo, em particular, só inculca ideias.

Para uma educação da autonomia acreditamos que o método e o conteúdo seria algo diferente do pensado por Freire. E aqui abrindo um adendo, que mesmo na metodologia de Paulo Freire se abstraísse todo conteúdo ideológico político existente, acreditamos que a sua metodologia seria fraca, pois, as palavras geradoras já existem em métodos anteriores e estas somente dentro ao contexto social do iletrado adulto, não abrangeria outros contextos sociais tão necessários para o enriquecimento do alfabetizando porque faz com que eles aprendam a ler e a escrever, mas e o depois, com o excesso de contexto social como conteúdo programático o operário não expandiria intelectivamente, restrito a ver somente o que interessa em seu meio social não abriria novos horizontes cognitivos para a expansão do seu conhecimento.

[...] Nem ao menos o projeto vem alicerçado numa pedagogia realmente inovadora. Não há em Paulo Freire uma concepção nova ou um novo enfoque da educação de adultos. Se pensarmos no uso das palavras geradoras, em sua proposta de um ensino apoiado nas realidades concretas vividas pelo homem em questão, não encontraremos grandes novidades [...] (PRADO, 1997, p.89).

A educação que liberta o homem ocuparia do conteúdo intencionando simplesmente sua expansão cultural, auxiliando o estudante a adquirir o conhecimento pelo despertar da curiosidade, já inerente ao ser humano, não caindo no vício excessivo da abordagem através da metodologia que se transforma em fim e não meio para educar.

[...] A escola tem, como tarefa, ajudar a criatura humana a ler os grandes livros, ouvir os grandes músicos e ver os grandes pintores. O que a escola não tem que fazer, sem destruir a sua função e destruir-se à si mesma, é ensinar à massa o que ela deve fazer ou como comportar-se politicamente...A escola não deve ensinar às massas qual deva ser a sua ação. Isso é dirigismo, conscientização; certamente não é educação de gente livre [...] (PRADO, 1997, p.95).

O professor e o aluno têm o compromisso do diálogo que compreende, não sendo o educador superior, nem inferior ao estudante, mas ambos cientes que possuem conhecimentos díspares, onde o aluno conhecedor do trato social da sua comunidade e o docente que tem a bagagem que propícia à ampliação do educando, através do auxílio, faz a educação verdadeira.

Ajudar o amadurecimento do homem para que este interaja criticamente, ele mesmo, na sociedade. A educação para a liberdade não deixaria a cargo das crianças, por exemplo, para que escolhessem o conteúdo a ensinar, pois, são ainda imaturas para escolherem. O educador aderindo a tal concepção de metodologia, nega sua capacidade profissional, mostrando até certa imaturidade por desconhecer ou fazer pouco caso das noções, digamos hierárquicas, da natureza humana já que a criança desprovida inicialmente de certa acuidade intelectual, só adquire com ensinamentos e com o passar dos anos.

[...] O que Freud observou na criança foram manifestações de sua imaturidade e indeterminação...as crianças tem tendências conflitantes, umas boas, outras más, que se exprimem, mesmo biologicamente, sem medida, sem equilíbrio, sem clareza que, só mais tarde, a razão vai trazer... A educação é um processo de racionalização, isto é, de colocação sob a medida de razão das forças instintivas e temperamentais [...] (PRADO, 1991, p.36.).

A educação progressista de Paulo Freire, por muito desnorteia o desenvolvimento do alfabetizando, por mais, que o método da educação bancária (e não estamos a defendê-la), que ele tanto criticou, tenha problemas, abandonar a importância do conteúdo, dando créditos infundáveis ao método e metodologismos, fazendo destes, fins da educação e não meio, é contribuir para o atraso e a robotização dos estudantes não os tornando homens pensantes e de criação. Com um agravamento maior, que sua pedagogia da conscientização não acresce, mas sim, corrobora para a não liberdade. Oferecer uma pedagogia da *práxis*, onde não existe reflexão, criticando a educação bancária é dar o mesmo de sempre ao estudante, não desenvolvendo suas potencialidades cognitivas.

## 5 CONCLUSÃO

A educação é feita por homens para homens. Através da história da educação, esta se mostra povoada de intenções nas preferências de métodos ou conteúdos e nem negamos isso à educação para libertar o homem, que intenta sim, mas é o crescimento e o amadurecimento, sem manipulações. Mais vale uma intenção que logre povoar o íntimo do homem no talhar seu espírito, assim, fazendo-o conhecedor da sua grandeza individual para a *posteriori* saber conviver pensante e criticamente na sociedade, do que cravá-lo na conscientização feita aos moldes de Paulo Freire que não liberta.

O que integra o pensamento e o método de Paulo Freire é a intenção embutida na palavra conscientização – que não é reflexão na sua pedagogia – da luta de classes, oriunda de pensamentos derivativos daqueles adeptos ao socialismo. E mesmo que sua pedagogia fosse aplicada sem levar em conta essa finalidade, não é acrescida de alguma novidade que outros métodos não possuem.

A pedagogia do modo que Paulo Freire a concebeu, uma pedagogia da *práxis*, é derivada de ato político com a finalidade não de ensinar, mas fazer uma revolução que ele chama revolução cultural. Na essência desta pedagogia já existe a indução para tal ato, assim, concede ao alfabetizando adulto um falso achismo de liberdade, privando-o de fazer ele mesmo a escolha de aderir ou não, já a este propósito intencionada, sua pedagogia foge da finalidade da educação verdadeira que leva a autonomia do educando de pensar com toda reflexão, juízo e valoração para a obtenção do conhecimento mediante a informação.

O presente trabalho não teve a pretensão de suscitar soluções a cargo do assunto pedagogia da *práxis* e nem de “dourar a pílula” <sup>7</sup>a cargo da educação dando algo como fechado ou acabado, mas, pretende levantar o diálogo no que envolve e intenciona o fazer a educação neste país, não esquecendo, porém, que aqui está contido a uma parte, restrita até, do assunto.

---

<sup>7</sup> Dourar a pílula – Aqui foi usada, sendo uma expressão idiomática da língua portuguesa, onde quer significar que um assunto tão complexo como a educação e que precisava ser valorada em todos os âmbitos social, político, cultural, de pessoas envolvidas no trato de educar para se definir ou propor algo, foi tratada de forma restrita, observando uma pequena fração desse complexo assunto.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. de A. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da Liberdade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1994.
- GADOTTI, M. et al. **Paulo Freire: uma Bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.
- MONASTA, A. **Antonio Gramsci**. Recife: Ed. Massagana, 2010.
- PRADO, L. de A. **Educação ajudar a pensar, sim. Conscientizar, não**. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Educação para a Democracia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997.
- VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. **Conscientização**: em que interessa este conceito à Psicologia. 2008. Disponível em:  
< [www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=1981&dd99=pdf](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=1981&dd99=pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2017.